

IV Edição do Concurso de Contos do Museu do Aljube
Resistência e Liberdade
“Coragem hoje, abraços amanhã”

Enquanto as crianças brincam

Nagatosi

Ao entardecer de uma quinta-feira de julho, de 1937, Márcia regressa a casa com a sua maleta repleta de provas e testes do final de semestre. No caminho até casa, as conversas giravam entre temas do quotidiano e acabavam no discurso político, em que tudo se resumia a três coisas: "Deus, Pátria, Família". Este era o Estado Novo. Não, este era o Portugal de Salazar.

Entra em casa e depara-se com os seus rebentos, na sala de estar, a discutir sobre o que seria o jantar. Sentiu-se como D. João VI, teve de pôr um fim àquela confusão e desarrumação. As crianças discutiam e argumentavam pois um queria peixe e o outro carne. Se a preocupação das crianças era a ementa, os adultos receavam o destino de suas famílias, da educação, do governo e tudo em sigilo.

Na cozinha, uma jovem recém-saída da infância, abre e fecha as portas dos armários, bate nas panelas e recita fórmulas matemáticas aplicadas às ciências sociais - "Água, feito. Panelas, feito. Massa quase pronta. Próximo passo? Preciso d'um molho, cum caramba. Onde temos o molho de tomate nesta casa? A mãe comprou? Estou frita, daqui a pouco ela chega e nem tenho a janta pronta! Por que seria que aquele guarda queria bisbilhotar o que eu tinha na mochila? Nada que fosse de seu interesse, a não ser que gostasse de Camões e Fórmulas Matemáticas, mas acho que não!".

Márcia, calmamente, intervém e assume a preparação do jantar, pedindo à filha que tome conta e ajude gémeos nos trabalhos de casa. Enquanto esperam que a mãe termine o jantar, Sara pega nos livros de escola dos irmãos e treina com eles a leitura.

"La la li lala, ela ele eles elas, alto, altar, altura. Lusitos! Lusitas! Viva Salazar! Viva Salazar!" Era a tarefa para casa de Miguel e Leonardo. Sem gaguejar, declamavam as frases em Português. A seguir, teriam de recitar o "Pai Nosso" sem errar, na ordem correta, com entoação limpa e clara, saberem o tempo de colocação de cada frase e projetar a voz alto e com bom tom. Os rapazes sabiam que seria uma chatice, mas caso não aprendessem com Sara, teriam de aguentar a régua da Sra. Torres ou até pior, o ralhete da Mãe.

Após alguns minutos, Márcia chama a família para a mesa. À mesa, Miguel e Leonardo contam excitados como foi seu dia na escola. Márcia parece ouvi-los com atenção, contudo anda perdida nos seus próprios pensamentos: "Escola Primária Fontes Pereira de Melo. Escolhi esta escola pela localização, organização e estrutura, o nome limita-se a homenagear mais um político. Por mais que queiram restaurar o auge, de outros tempos, no nosso país, Portugal nunca esteve mais avançado nem mais seguro. Como se sete milhões de notas de cem escudos pudessem ser guardadas num cofre, secreto, escondido e vigiado 24 horas por dia, para que nada saísse do lugar, para que todas as janelas, todas as chaves e portas estivessem sob sua ordem e controlo".

- Mãe, como foi o teu dia hoje?

- Normal. Introduzi os Descobrimentos e tive de ensinar um pouco além do prog...

Ouve-se um bater violento na porta. Sara e os gémeos assustam-se com a interrupção anormal, mas Márcia procura manter a sua posição de chefe da casa. Vai abrir, serenamente, a porta. Três homens fardados espreitam, vigilantes, para dentro da casa.

O oficial, à frente, pergunta se pode falar com o homem da casa. Márcia responde que é ela quem se encarrega da família, que já vive ali há muito tempo. O homem apresenta-se: “- Capitão Manuel Noronha. PVDE. Recebemos uma denúncia de atos ilegais contra o Estado e queremos revistar a casa antes de a prender...”

- Márcia Helena Garcia Tavares! – exclama o oficial.

- Espere, não é a filha do Coronel Garcia Tavares? -pergunta um dos oficiais.

- Ex-Coronel, aposentado. Eu sou professora, pertenço ao Ministério da Educação.

O Capitão espanta-se pela origem da denúncia, mas insiste em revistar a casa. A mulher pede para retirar primeiro as crianças. O oficial analisa a situação da suspeita, caso acertasse na denúncia poderia receber uma promoção e tornar-se-ia inesquecível, “uma filha comunista de um oficial respeitado, presa pelo grande Capitão Manuel Noronha!”. Mas se errasse, “eu poderia perder o emprego, seria perseguido pelos agentes do Estado Novo, o meu país, que tanto amo, voltar-se-ia contra mim. Não temo estar enganado, esta mulher não pode assustar um agente do Estado!”- o oficial reflete. Após calcular bem os seus próximos passos, o Capitão Noronha inicia a busca por provas concretas na casa.

Márcia traz as crianças para a rua e o oficial oferece-se para as levar para outro local, a busca poderia demorar. A mulher, consciente da sua posição e conhecedora desse jogo, decidiu mantê-las junto de si, não para as traumatizar, mas para lhes ensinar a realidade em que viviam.

Sexta-feira. 23:40, Rua de Santa Catarina. Na noite anterior, a mãe teve de acalmar os filhos contando-lhes histórias para adormecerem.

Agora, bate à porta da loja de sapatos. De dentro perguntam - “Em que posso ajudar?” Silêncio de exatamente três segundos. Márcia responde - “Rosas para nós, espinhos para eles”. - “Sê bem-vinda irmã, entra antes que alguém te veja”. Dentro, num salão, encontram-se pessoas de todos os tipos: donas de casa, operárias, costureiras, empregadas de sapataria, jornalistas... Todas “Rosas Vermelhas”.

- Camaradas,- começou Márcia - convoquei a reunião de hoje pois presumo que alguém desconfiou das minhas ações noturnas. Temo que consigam encontrar pistas suficientes para me prenderem. Já perdemos muita gente nestes últimos anos de luta contra Salazar. Sei que basta uma de nós para manter o sonho vivo, mas não é meu desejo que todas se sacrifiquem por mim. Não vou facilitar o trabalho dos carrascos da PVDE ou dos guardas do Aljube.

- O que estás a propor camarada? Todas estamos sob perigo constante de sermos descobertas. Algumas de nós têm filhos, sabemos, também, que aquilo que fazemos não é seguro, mas como atualmente o lema da "segurança" deles é neutralizar e matar aqueles de

quem não gostam, ou têm ideias diferentes, e idolatrar esse homem como se fosse o messias, apenas por que criou uma bolha na economia e mudou algumas finanças, não lhe dá o direito de ser um ditador. Estamos contigo irmã, do que precisas?

Márcia explica o seu plano arriscado para salvar os filhos. O seu irmão estará de visita a Portugal, chegará num barco da companhia, na madrugada de domingo, e poderia esconder as crianças entre as cargas com discrição e levá-las para o Brasil. O problema maior era ela não poder embarcar, uma vez que o seu pai, e os seus contactos no Estado, não iriam permitir que ela fugisse. Precisava de alguém para tomar o seu lugar, com documentos falsificados. As crianças teriam um futuro sem a mãe verdadeira, mas com liberdade e segurança, longe das disputas políticas e deste regime castrador. Uma das Rosas, Rita, ofereceu-se para acompanhar as crianças nessa viagem perigosa. Garantiria a sua segurança, mas nunca as deixaria esquecer a mãe e o sacrifício que fazia por elas.

No fim da reunião, Márcia, banhada em lágrimas, agradece à jovem Rita, encerrando a reunião e despedindo-se da organização secreta das Rosas Vermelhas- "Coragem hoje! Abraços amanhã."

Domingo, 02:03, Praia dos Ingleses, Porto.

Márcia ouve os gritos e avista as lanternas. Ainda na praia, José, o seu irmão, abraça a sobrinha com força, protegendo-a dos polícias que ordenam a apresentação de documentos sob a ameaça das espingardas. Márcia tenta levantar os seus filhos para o barco, Rita tenta alcançar os gémeos, mas não o consegue a tempo. O capitão decide zarpar e o barco desaparece na neblina. Outro capitão encontra Márcia sentada na praia, banhada em lágrimas, com duas crianças abraçadas a ela, procurando conforto naquela madrugada tão fria, um frio mais psicológico do que real.

1948. Um amigo de José entra em casa, cumprimenta a esposa e, sem perder tempo, explica o que aconteceu à sua irmã.

Naquela noite de 1937, Márcia foi presa por cinco longos anos, num lugar ainda desconhecido, mas foi confirmado que foi "reabilitada". Voltou a exercer a profissão de professora de História (no ensino secundário), mas teve de revelar provas, escrever textos extensos a favor do Estado Novo para a nova PIDE. Escreveu, nos últimos dois anos, três livros que comprovam, através de dados históricos, que o governo de Salazar foi o melhor que já existiu. Seus filhos foram deixados à guarda dos avós maternos, sendo o avô o responsável pela criação, educação e afastamento de Miguel e Leonardo da mãe, sem nunca saberem da verdade sobre o horrível domingo de 1937, pois tinham apenas seis anos.

Leonardo seguiu a paixão da avó, tornou-se filósofo. Escreveu poemas e livros sobre o amor a Portugal. Reescreveu, também, os antigos livros de sua mãe para salientar o papel do regime na atualidade. Contribuiu tanto na propaganda intelectual do Estado Novo, que Salazar

enviou uma carta endereçada para Leonardo Tavares Cunha, a agradecer pela genialidade, grande suporte ao regime Salazarista e progresso de Portugal.

Miguel cresceu e continuou seus estudos no Colégio Militar de Lisboa e entrou para o exército. Sempre desejou “lutar pelo seu país e governo”, só não participou na Segunda Grande Guerra pois não tinha idade suficiente na altura. Em 1962 foi designado para a sua missão mais importante, Guiné-Bissau (África). Miguel Tavares Cunha saiu de casa cheio de sonhos, pensamentos, espírito, treino e estudo, muitos anos de esforço e dedicação. Da Guiné, em vez dele, apenas regressou, em 1964, uma medalha, polida, em ouro, pousada sobre uma almofada de cor forte, com uma mensagem emblemática, que milhares de outros povos receberam na última década. Milénio talvez...

Hoje, Sara Rosa Tavares Cunha responde à sua neta sobre o que foi a censura:

- A avó já está muito velha, mas há algo nela que nunca envelheceu e que aprendi sobre a vida, principalmente na minha juventude. Deves ter sempre consciência de quem és, nunca deixes que mudem o teu íntimo, o teu ser, ninguém pode mudar quem és por dentro, isso é o que mais importa- acrescentou em lágrimas. - És corajosa como a tua bisavó, mesmo que não a tenhas conhecido, ela vive em mim enquanto eu me lembrar dela.

A jovem Bruna, confusa, pergunta sobre sua antepassada, uma vez que nunca tinha ouvido o seu nome na família, apenas nas orações de seu bisavô. Sara, a enxugar seu desgastado rosto, sorri, pois a sua felicidade vinha de memórias noturnas (sombrias e obscuras pelo tempo e traumas), mas assim como a mais densa das noites, a lua que foi Márcia brilhava e acendia-lhe o coração.

- Minha mãe teve uma vida difícil, sua família era complicada, dividida e falsa, como era de se esperar por aquilo em que fingiam acreditar. Ela foi professora, era dura como rocha e transmitia um pouco disso na vida materna, mas foi ela quem preparou aqui a tua avó para todas as dificuldades que tive de enfrentar. Foi ela quem me ensinou a ler os livros, não para recitá-los, pois era bonito aquilo que diziam, mas com sentido crítico. Ensinou-me a falar, para transmitir as minhas ideias e pensamentos, não para recitar aquilo que queriam que eu pensasse. E sempre que eu e meus irmãos tínhamos problemas hercúleos, ela confortava-nos com uma frase muito simples e prática - a senhora ri.

- Qual era?

- “Coragem hoje, abraços amanhã.”